

Mundo



TENSÃO NA ÁSIA

Kim Jong-un ameaça Coreia do Sul

Líder norte-coreano ordena que militares se preparem para conflito iminente

PARA
ACessar
ARTIGO
em celular
escaneie
o QR CODE

XV BRICS SUMMIT BRICS LEADERS RETREAT

BRICS and Africa: Partnership for Mutually Accelerated Growth, Sustainable Development and Inclusive Multilateralism
22 AUGUST 2023, JOHANNESBURG, SOUTH AFRICA



Cúpula de 2023. Líderes de Brasil, China, África do Sul e Índia e chanceler da Rússia em Johannesburg; punições à Rússia por guerra na Ucrânia forçaram países a buscar alternativas, impulsionando o uso de moedas locais, como a chinesa

BLOCO AMPLIADO

Brics cresce como força antagônica aos EUA e com agenda pela desdolarização

EMANUELLE BORDALLO

emmanuel.bordallo@globo.com.br

tas é promover a desdolarização da economia global.

VANTAGEM PARA O BRASIL

Um dos defensores mais vozes da desdolarização é o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que no ano passado criticou a predominância do dólar em mais de uma ocasião. Para Maurício Santoro, cientista político e professor de Relações Internacionais da Uerj, "um mundo com mais opções além do dólar" seria interessante para o Brasil, que tem Pequim como maior parceiro comercial — embora menos de 1% das transações brasileiras sejam feitas em yuan, contra 90% em dólar.

—Se fluíssemos a maior parte do comércio com a China na moeda chinesa, isso baratearia os custos de transação — disse Santoro ao GLOBO, destacando que a moeda também facilitaria a inserção de empresas brasileiras no mercado financeiro chinês. — Para o Brasil, há benefícios econômicos e também políticos dentro da visão do presidente Lula, que quer dar ênfase nas relações com países do Sul Global. Segundo Daniel Sousa, economista e apresentador do podcast Petit Journal, outra vantagem é o aumento do poder de negociação.

—No caso de Brasil e Índia, que não têm uma ambição de impor suas moedas como hegemônicas, o sistema se torna multipolar, aumenta a capacidade de barganha — analisa. — Os americanos chegaram a declarar, quando houve a expansão [do Brics], que "isto não nos preocupa". O que é uma prova de que sim, pois eles se não preocupasse, não fariam nada.

COM EXPANSÃO, BRICS REPRESENTA 27% DO PIB MUNDIAL



27% do PIB mundial 43% da pop. mundial

Para Sousa, "a moeda é um dos braços do projeto político hegemônico" dos EUA.

DÓLAR: VENENO E ANTÍDOTO

—Ao conseguir emplacar a dolarização, o primeiro benefício é que os EUA não estão sujeitos à flutuação cambial: como tudo é cotado em dólares, os americanos lidam com uma variável a menos de risco — explica.

Além disso, a dolarização concede aos EUA um enorme poder de influência sob a dinâmica do sistema financeiro internacional, determinando quando há mais ou menos dinheiro em circulação. Segundo Sousa, o país ainda se posiciona naturalmente como um dos principais financiadores e empreendedores mundo afora através do Fundo Monetário Internacional (FMI), no qual detém a maioria das cotas.

—Os EUA podem influenciar a agenda de outro país

pela dependência americana que tenha. E, quando o dólar é a moeda de referência, estar fora dessa agenda tem um peso.

Desde a invasão russa da Ucrânia, em fevereiro de 2022, o uso da moeda americana como arma política ganhou novos contornos a partir do congelamento das reservas da Rússia em bancos ocidentais e sua expulsão do principal sistema de pagamento internacional, o Swift. Como efeito, Moscou e seus parceiros precisaram encontrar alternativas para continuar suas operações, o que acabou impulsionando o uso de moedas locais, sobretudo a chinesa.

—A guerra aproximou a China e a Rússia — diz Alexandre Costa, ex-consultor do Banco da China, doutor em Relações Internacionais e secretário da International Political Science Association. — Por exemplo, as ex-

portações de petróleo para a China feitas pela Rússia são pagas hoje em yuan num sistema paralelo administrado pelo Banco da China.

Segundo Santoro, as sanções à Rússia deixaram uma "lição muito amarga" de que não se pode confiar no dólar, motivando uma busca por "outra ferramenta que não esteja sujeita ao poder dos EUA". —Se, daqui a cinco ou dez anos, a China entrar numa guerra contra os EUA por causa de Taiwan, Pequim quer evitar que seus ativos em dólar no exterior passem por um conflito semelhante. O mesmo vale para o Irã, que tem um longo histórico de conflitos com o Ocidente.

YUAN OU MOEDA COMUM?

Ao longo de 2023, Lula defendeu diversas vezes a criação de uma moeda comum para o comércio exterior. Em visita à Argentina, sugeriu o sur para as transações com o país e demais nações sul-americanas. Depois, cogitou algo parecido para o Brics. Há diversas variáveis que tornam esse tipo de iniciativa improvável.

—Há uma dificuldade operacional enorme — avalia Costa. — Seria necessária uma política macroeconômica justa da entre os BCs de cada país e seus líderes políticos.

Santoro concorda que é preciso haver uma "convergência das políticas econômicas".

—Se olharmos o exemplo da Europa, o caminho que levou ao euro foi longo, precisou de décadas de debates e, quando enfim houve um consenso, precisaram assumir uma série de compromissos. Não é algo trivial e depende de um entendimento muito difícil de obter

entre países com níveis de desenvolvimento tão diferentes, como é o caso do Brics.

Para Sousa, a aceitação de uma nova moeda comum seria outro desafio. Segundo ele, é mais provável que o yuan assumiria o protagonismo com a expansão do Brics, sobretudo porque a moeda é aceita pelo FMI desde 2016. A Argentina tem usado esses recursos para quitar sua dívida no órgão, já que tem escassez de dólares.

—O principal desafio para estabelecer um projeto assim é convencer os agentes econômicos a aceitar essa moeda como forma de pagamento, já que ela não estaria circulando e somente seria utilizada para compensações entre os países envolvidos — pontua.

ASCENDÊNCIA CHINESA

O fato de Pequim ser o parceiro comercial comum entre todos os países do Brics, mas eles não terem necessariamente fortes relações entre si, é outro fator que projeta o yuan, diz Costa. Para ele, a influência da moeda chinesa cresceu substancialmente nas últimas duas décadas, considerando que, até 2003, o yuan só circulava na China Continental.

Santoro, por outro lado, acha que o yuan deveria ter um impacto global muito maior se comparado ao peso da China. Segundo ele, o governo chinês ainda impõe uma série de controles à circulação da moeda que tornam muito difícil sua internacionalização.

Para Santoro, a expansão do Brics ajuda na consolidação de uma nova ordem multipolar, na qual a dolarização faz parte de uma agenda de reformas geopolíticas. Mas, diz, é preciso algo muito maior para ameaçar a hegemonia do dólar.

—Nos últimos 200 anos, as transformações das moedas estiveram ligadas a uma grande guerra ou revolução. Foi assim com a libra esterlina, que virou referência após a vitória britânica contra Napoleão. Para o dólar ascender, precisou haver o declínio do Império Britânico e a vitória americana nas duas guerras mundiais. Para ascender o yuan ou outra moeda, seria de haver algo comparável.